



UniCEUB
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS: FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

CRISTIANA LAFETÁ NIEMEYER
MATRÍCULA Nº 20266420

**DEFICIENTES E MÍDIA:
UM ENFOQUE NOS PROGRAMAS
SENSACIONALISTAS DO BRASIL**

Brasília/DF, junho de 2006

CRISTIANA LAFETÁ NIEMEYER

**DEFICIENTES E MÍDIA:
UM ENFOQUE NOS PROGRAMAS
SENSACIONALISTAS DO BRASIL**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito para
conclusão do curso de Comunicação
Social, habilitação em Publicidade e
Propaganda, do UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília.**

**Orientadora: Prof.^a Mestre Amalia
Raquel Pérez-Nebra.**

Brasília/DF, junho de 2006

CRISTIANA LAFETÁ NIEMEYER

**DEFICIENTES E MÍDIA:
UM ENFOQUE NOS PROGRAMAS
SENSACIONALISTAS DO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito para
conclusão do curso de Comunicação
Social, habilitação em Publicidade e
Propaganda, do UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília.
Orientadora: Prof.^a Mestre Amalia
Raquel Pérez-Nebra.

Brasília, 02 de junho de 2006.

Banca Examinadora

Prof.^a Amalia Raquel Pérez-Nebra,
Orientadora

Prof.^a Mariângela Abrão
Examinadora

Prof.^a Mauro Castro
Examinador

*A minha linda irmã, Beatriz, fonte da minha
inspiração para tentar compreender e mudar as
realidades e injustiças deste mundo.*

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Amália Raquel Pérez-Nebra, exemplo de mestre e amiga, pela inestimável ajuda e apoio para desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

A minha mãe e namorado, pela paciência, colaboração e amor que tiveram comigo na elaboração desta monografia, e por serem tão presentes na minha vida.

A minha madrinha e mestre que eu amo, grande exemplo de dedicação.

Ao meu avô Oscar, pois sem ele não teria conseguido chegar onde cheguei.

A toda a minha família, pelo afeto, amizade e apoio que sempre manifestaram.

Aos deficientes, pela luta e vitórias conquistadas.

E finalmente, a todas as pessoas que direta ou indiretamente, contribuíram para conclusão desta pesquisa.

“Ser diferente é normal. Ser indiferente não”.

Cristiana Lafetá

“Somos todos responsáveis por tudo e por todos, e eu mais que os outros”.

Dostoievski

“O que importa nesta vida é ajudar os outros a vencer, mesmo que isso signifique diminuir o passo e mudar de curso”.

Anônimo

“Eu devo me preocupar, amar e compartilhar o suficiente com os outros para que eles possam se revelar em todo o seu potencial”.

John O’ Brien

RESUMO

O presente estudo nasceu da proposta de uma análise dos programas sensacionalistas de televisão em relação à exploração das imagens dos deficientes. Trata-se de uma verificação na forma como é abordado este grupo, analisando quesitos acerca dos reais interesses desses programas, da exploração exacerbada das imagens dos deficientes, e da discriminação que ainda assombra essas pessoas. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram aplicadas entrevistas com pessoas deficientes e não deficientes, a fim de averiguar a percepção em relação a política adotada pelos programas sensacionalistas, conforme metodologia especificada mais a frente. Por meio de um levantamento de dados verificou-se, por exemplo, que o trabalho da mídia é fundamental para inclusão social, se feito com responsabilidade, contribuindo para reprodução de valores e formação de imagens positivas em relação aos deficientes, que ainda são palco de muita discriminação no Brasil e no mundo.

Palavras-chave:

Programas sensacionalistas. Deficiência. Mídia. Ética. Inclusão social. Televisão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 SENSACIONALISMO	11
1.1 DEFINIÇÕES	11
1.2 OBJETIVOS DO SENSACIONALISMO	12
1.3 ÉTICA E SENSACIONALISMO	13
2 DEFICIÊNCIA	15
2.1 DEFINIÇÕES	15
2.2 DENOMINAÇÕES	16
2.3 INCLUSÃO	18
2.3.1 <i>Diferença entre integração e inclusão</i>	18
2.3.2 <i>Resistencia</i>	19
3 MÍDIA: VILÃ OU ALIADA?	20
3.1 DEFICIENTE E MÍDIA	20
3.2 HISTÓRIA	21
3.3 TELEVISÃO.....	22
4 MÉTODO	24
4.1 AMOSTRA.....	24
4.2 INSTRUMENTO	24
4.3 PROCEDIMENTO	24
4.4 ANÁLISE.....	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
5.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM PESSOAS SEM DEFICIÊNCIA	26
5.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM DEFICIENTES.....	29
5.3 COMPARAÇÕES ENTRE OS DOIS GRUPOS	32
CONCLUSÃO	34
REFERENCIAS	36
APÊNDICE	38
ANEXO	40

INTRODUÇÃO

Segundo Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 14,5% da população brasileira é portadora de necessidades especiais, ou seja, mais de 24,6 milhões de pessoas no Brasil tem algum tipo de deficiência. (VIVARTA, 2003). Estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU) apontam que existem aproximadamente 600 milhões de pessoas com deficiência no mundo. (HERCULANO, 2005). Embora o número seja bastante representativo, ainda ocorrem exclusões sociais destas pessoas, concluindo que a sociedade ainda não se encontra preparada para conviver harmoniosamente com deficientes. (BOLONHIMI, 2004; HERCULANO, 2005; VIVARTA, 2003).

A exclusão e o desrespeito encontram-se presentes em diversos momentos como, por exemplo, na ausência de rampas, falta de transporte público adaptado, não cumprimento das normas que determinam a reserva de mercado etc. (BOLONHIMI, 2004).

Diante das dificuldades enfrentadas, os deficientes são obrigados a se adaptarem, com o propósito de se integrarem na sociedade, ocorrendo dessa maneira uma inversão de papéis, já que é dever da sociedade recepcionar o deficiente. (BOLONHIMI, 2004).

Não se pode culpar apenas a sociedade atual, visto que essa exclusão é herança de vários séculos. Se hoje os deficientes sofrem com as dificuldades e discriminações¹ encontradas na realização de certas metas, antigamente eram considerados inválidos, sem utilidade para sociedade, ou até mesmo internados juntos aos doentes e idosos em instituições de caridade. (SASSAKI, 1999).

Tendo em vista a discriminação sofrida pelos deficientes no passado, lamentavelmente ainda bem visível, pode-se destacar a mídia como uma importante fonte de formação de opinião e poder de penetração social, capaz de contribuir para reprodução de valores e imagens sobre a deficiência. Considerando o papel que ela pode desempenhar no processo de inclusão de deficientes, é relevante uma preocupação em formar uma imagem positiva das pessoas com necessidades especiais, a fim de combater a discriminação e a barreira que ainda existe em relação aos deficientes.

¹ Discriminação: 1. Ato ou efeito de discriminar. 2. Faculdade de distinguir ou discernir; discernimento. 3. Separação, apartação, segregação. (FERREIRA, 1999, p. 690)

Infelizmente não é sempre que ela intervem em prol das pessoas com deficiência, sendo essas, muitas vezes transformadas em vítimas ou heróis, passando por aberrações da natureza e curiosidades, servindo de alimento para programas sensacionalistas baterem “picos” no índice de audiência. (YNGAUNIS, 1999).

O objetivo desta monografia é mostrar como os programas sensacionalistas são percebidos por deficientes e não deficientes, referindo-se à utilização de imagens de pessoas com necessidades especiais, visando aumento de audiência. Para conhecer a realidade desses programas serão entrevistados esses dois grupos, analisando o paradigma deficientes/programas sensacionalistas.

Para atingir o objetivo desse trabalho, no capítulo I serão definidos conceitos e objetivos do sensacionalismo, foco da pesquisa. O capítulo II contará o que é ser deficiente, seus tipos e aceitação diante da sociedade, para depois ocorrer um aprofundamento em relação à mídia (no caso a televisão), sua influência diante do telespectador e até que ponto a ética e conceitos morais são respeitados em busca de um interesse próprio, a audiência. No capítulo IV, será apresentada a metodologia do presente estudo, de forma que o capítulo V possa trazer os resultados e discursão da pesquisa.

1 SENSACIONALISMO

Esse capítulo apresentará definições de sensacionalismo, a fim de explicitar algumas de suas características, analisando quais são os conceitos que serão utilizados para base do trabalho, contextualizando-o com o tema em questão quando possível.

Além disso, serão expostas questões a respeito da ética, como até que ponto o sensacionalismo afeta diretamente as pessoas e também sobre as leis que defendem os deficientes.

1.1 Definições

Sensacionalismo – S.m. 1. Divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. 2. Uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos etc., com o mesmo fim. 3. Exploração do que é sensacional na literatura, na arte etc. (FERREIRA, 1999, p. 1837).

Sensacionalismo – Estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público. (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p.666).

Além dos conceitos retirados dos Dicionários Aurélio, e do Dicionário de comunicação para compreensão do que vem a ser sensacionalismo, serão apresentados mais dois conceitos de autores distintos - área da psicanálise e jornalismo, respectivamente - a serem analisados, visto tratar do foco do trabalho.

Sensacionalismo – Uma forma de comunicação que apela às emoções primitivas por meio da apresentação de fatos que tem características incomuns, místicas ou sádicas, idealistas ou monstruosas, fatos que são ao mesmo tempo desejados, temidos e repelidos. (BICUDO, 1971, p. 105).

Sensacionalismo – É o esforço para despertar emoções agudas, para suscitar sentimentos intensos, para chamar a atenção mediante um apelo inusitado aos sentidos e, por extensão, para despertar idéias, opiniões e crenças invulgares e extremadas. (BARROS, 1971, p. 127).

Percebe-se que o Dicionário de comunicação restringe sensacionalismo a um estilo jornalístico, desconsiderando propagandas, programas de entretenimento² ou qualquer outro ramo da comunicação.

Todavia, todas as definições conceitualizam “sensacionalismo” como algo exagerado, capaz de despertar emoções e chamar a atenção do público, e é esse sentido que será adotado neste trabalho, ou seja, quando for citada no texto a expressão “programas sensacionalistas”, a idéia que se deve ter em mente é basicamente a seguinte: são programas que transmitem o chocante, capaz de escandalizar e/ou emocionar.

1.2 Objetivos do sensacionalismo nos programas

O sensacionalismo trata de expor o que é oculto ou proibido, ou de extremar o vulgar e corriqueiro, para emocionar além dos graus normais de tensão psicológica em que se vive. (BARROS, 1971).

Como foi citado, os programas sensacionalistas, geralmente, são carregados de apelo emocional e exploração do extraordinário, deixando a informação em segundo plano. Resumidamente, é como se toda a carga emocional da notícia fosse extraída e passada por um processo de intensificação dos fatos, apresentando os desejos dos telespectadores, afastando-se cada vez mais de preocupações formadoras. (ANGRIMANI, 1995).

Para despertar interesse do público é preciso sentir o pensamento, gosto, vontade e interesse do povo, e oferecer-lhe exatamente aquilo que é desejado. A linguagem estabelecida deve ser a mais simples e coloquial possível, evitando-se palavras de outros idiomas. Gírias e apelidos são constantemente utilizados, tendo grande efeito e aceitação do público. (PORTÃO, 1971).

Inferindo que a maior parte dos telespectadores desses programas são pessoas humildes com baixo grau de escolaridade, é importante um certo cuidado na escolha dos vocábulos escolhidos para melhor aceitação do público-alvo.

² Entretenimento: Diversão, passatempo, distração. Os programas sensacionalistas usados como amostra nesse trabalho serão antes de tudo categorizados como programas de entretenimento, assim como os humorísticos, de auditórios e musicais. (DICIONÁRIO ON-LINE; DICIONÁRIO DE COMUNICAÇÃO)

Os temas mais explorados por esses tipos de programa são: sexo, sangue, crimes, escândalos, monstrosidades e deficiências (objeto deste estudo), ingredientes quase nunca dosados por esse tipo de programa. (ANGRIMANI, 1995).

Alguns autores distinguem no sensacionalismo duas categorias, o positivo e o negativo. O sensacionalismo positivo focaliza de uma forma “sensacional” (grande alarde, manchetes garrafais e um certo exagero jornalístico) notícia de real importância para evolução da humanidade. Já o negativo, contém apelos e emoções destrutivas, geralmente de cunho sadomasoquista. (BARBOSA; RABAÇA, 2001)

O que parece ser condenado no sensacionalismo é a intenção de exacerbar os aspectos destrutivos e catastróficos, com finalidades de interesses escusos. (BICUDO, 1971). Essa finalidade suspeita, na maior parte das vezes, tem um nome: audiência.

1.3 Ética e sensacionalismo

Para a matéria jornalística tornar-se mais atrativa, despertando além da atenção do público, o manifesto de sentimentos diversos e ambivalentes (alegria, tristeza, curiosidade, angústia etc.), alguns quesitos básicos geralmente são esquecidos, como a ética e respeito ao próximo. Fazer jornalismo sensacionalista não necessariamente significa passar por cima de tudo e de todos. Como foi dito, o sensacionalismo pode ser algo desenvolvido positivamente, com o real objetivo de chamar a atenção do público para algum fato importante.

Todavia, se for levado em consideração que a função da mídia é informar, instruir, formar ou mudar a opinião pública, e relacionando o sensacionalismo a deturpação dos fatos, pode-se deduzir que ao fazer sensacionalismo a mídia não atingiria seus objetivos de informar a verdade e de instruir a população sobre a realidade. (BICUDO, 1971).

Os profissionais de comunicação, muitas vezes, abandonam a ética em prol de benefícios individuais, esquecendo que estão lidando com vidas, e que deveriam agir com responsabilidade, mesmo que seus programas sejam de cunho popular. (DINES, 1971).

Essa questão ética, não lhe impede de ser dinâmico, agressivo e passional, porque o jornalismo é um reflexo da sociedade que o gerou. Não se pode simplesmente podá-lo artificialmente, e sim estabelecer leis e regras limitando a

exploração cometida por esses programas. A imprensa dita sensacionalista é apenas uma decorrência de um momento cultural da sociedade.(DINES, 1971).

Além disso, existem limitações na formação do profissional de comunicação em relação à ética. Quando eles aprenderem a respeitá-las, poderão desenvolver um trabalho mais limpo e correto.

É com referência nas leis e padrões éticos que se baseiam as críticas em relação ao sensacionalismo dos fatos e exploração da imagem de pessoas portadoras de necessidades especiais.

Em 2003, foi publicado o projeto de lei 1.600, o Art. 24 que apresenta o seguinte:

A programação televisiva não permitirá que a imagem de pessoas com deficiências físicas, síndromes ou doenças mentais sejam divulgadas com o intuito de capturar audiência e explorar sentimentos bizarros junto ao público. (FANTAZZINI, 2003).

Esse projeto ainda não entrou em vigor, e provavelmente será engavetado. O Brasil ainda não aprovou nenhuma lei que estabeleça o Código de Ética da programação televisiva, o que implica na dispersão e no baixo grau de detalhamento dos dispositivos legais.

A metodologia deste trabalho investigará como os programas sensacionalistas são percebidos pelos deficientes e não deficientes, a fim de levantar e sistematizar estas percepções, bem como compará-las.

2 DEFICIÊNCIA

Esse capítulo primeiramente definirá o que é deficiência, seus diferentes grupos e parte de suas denominações no decorrer da história. Mostrará a diferença entre os vocábulos integração/inclusão, a discriminação que ainda sofrem os deficientes na sociedade, e por fim sua relação com a mídia.

2.1 Definições

Deficiência – 1. Falta, falha, carência. 2. Imperfeição, defeito. 3. Insuficiência. (FERREIRA, 1999, p. 614)

Deficiência – é toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, filosófica ou anatômica que gera incapacidade para o desempenho de atividade dentro do padrão considerado normal para o ser humano. (BOLONHINI, 2004, p.12)

Diante dos conceitos expostos, verifica-se uma superficialidade do Dicionário Aurélio, visto que o mesmo conceitua deficiência como algo genericamente defeituoso.

Tendo em vista que o objetivo do trabalho é ser justo, abstendo qualquer manifestação de preconceito, adotaremos o conceito de Roberto Bolonhini retirado do livro especializado em portadores de necessidades especiais.

Existem diferentes grupos de deficiências, como anomalias fisiológicas, físicas, psíquicas e ainda as de difícil caracterização. Podemos citar (BOLONHINI, 2004):

1 **deficiência física** – é a alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física;

2 **deficiência auditiva** – é a perda total ou parcial das possibilidades auditivas sonoras;

3 **deficiência visual** – é a acuidade visual igual a ou menos do que 20/200 no melhor olho, após a melhor correção, ou campo visual inferior a 20%, ou ocorrência simultânea de ambas as situações;

4 **deficiência mental** – é o funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestações antes do dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas;

5 **deficiência múltipla** – associação de duas ou mais deficiências.

Para desenvolver esta pesquisa será composta uma amostra com deficientes físicos, auditivos e visuais. Por questão de viabilidade, as pessoas com deficiências mentais e múltiplas não serão incluídas na pesquisa, tendo em vista a falta de perguntas e de instrumentos adequados a este grupo.

2.2 *Denominações*

Uma das maiores indagações sobre a questão da deficiência, é a escolha do melhor termo para caracterizar os deficientes. Nunca houve ou haverá um termo totalmente adequado, uma vez que as palavras utilizadas serão sempre compatíveis com os valores vigentes da sociedade. Na realidade, existem as denominações consideradas mais apropriadas, especialmente na atualidade, com a política de inclusão e a maior conscientização da própria população. (SASSAKI apud ALBARRÁN, 2005, p.17)

1 **Inválidos** - No início da história da humanidade, era muito comum encontrar o termo inválidos, ou seja, indivíduos sem valor, para chamar as pessoas com deficiência. Assim, quem tinha alguma deficiência era considerado um fardo para a sociedade e para a família.

2 **Incapacitados e Incapazes** - A partir do século XX até cerca do ano 1960, o termo aplicado passou a ser os incapacitados, portanto indivíduos sem capacidade, passando depois a ter um sentido mais voltado para indivíduos com capacidade residual. Uma variação foi o termo os incapazes, que significava indivíduos que não são capazes de fazer algumas coisas por causa da deficiência que tinham. Apesar do avanço em considerar que as pessoas com deficiência possuíam uma capacidade residual, ainda se considerava que a deficiência reduzia a capacidade da pessoa.

3 **Defeituosos, Deficientes e Excepcionais** - Entre os anos 1960 e 1980, os termos mais utilizados foram os defeituosos, com o significado de indivíduos com deformidade; os deficientes e os excepcionais (para designar os indivíduos com deficiência intelectual). É mais adequado utilizar o termo intelectual, uma vez que se refere ao funcionamento apenas do intelecto e não da mente como um todo. Outra

razão em aplicar o termo intelectual é facilitar a distinção entre deficiência mental e doença mental, bastante confundidas pelo público.

Pode-se dizer que esses três termos representaram um avanço, uma vez que focalizavam as deficiências, sem reforçar o que as pessoas com deficiência não conseguiam fazer.

4 Pessoas Deficientes – Entre os anos 1981 e 1987, o termo aplicado passou a ser pessoas deficientes, especialmente pelo fato da ONU ter instituído o ano 1981 como o “Ano Internacional das Pessoas Deficientes”. O impacto de tal terminologia foi grande, pois o substantivo deficiente passou a ser utilizado como adjetivo, sendo-lhe acrescentado o substantivo pessoas.

5 Pessoas portadoras de deficiência – De 1988 até 1993, líderes de organizações de pessoas com deficiência contestaram o termo pessoa deficiente devido ao fato de indicar que a pessoa inteira é deficiente, portanto o termo a ser utilizado foi pessoa portadora de deficiência.

A palavra “portadora” deverá ser abandonada, visto que a deficiência faz parte da pessoa, e esta não porta sua deficiência. Tanto o verbo “portar” como o substantivo ou adjetivo “portadora” não se aplicam a uma condição inata ou a adquirida que faz parte da pessoa.

6 Pessoas com Necessidades Especiais – Usado desde 1990 até hoje. O termo foi criado para substituir deficiência por necessidades especiais. Depois, esse termo passou a ser aplicado para denominar também outras pessoas que tenham necessidades especiais e não apenas as que têm deficiência. Entretanto, a substituição do termo deficiência por necessidades especiais somente é recomendada caso a intenção seja referir-se a um grupo de pessoas com algumas limitações ou dificuldades, e não, necessariamente, tenham deficiência. (FÁVERO, 2004).

7 Pessoas com Deficiência – Os movimentos humanistas protestaram contra os nomes que até então denominavam as pessoas com deficiência. Assim, quanto mais natural for o modo de referir-se à deficiência, melhor. A deficiência não é algo portado pela pessoa que pode ser deixada de lado quando se quer. Da mesma forma como uma pessoa que possui olhos azuis não é chamada de pessoa portadora de olhos azuis, o mesmo acontece com as pessoas com deficiência. Mesmo que o termo pessoa portadora de deficiência ainda seja usado pela Constituição Federal e por algumas leis posteriores, o ideal é que se use pessoa

com deficiência. A Constituição foi elaborada em um período em que palavras muito negativas eram usadas, como surdo-mudo, aleijado, retardado, débil mental, buscando-se, neste momento, uma padronização, retirando o foco da deficiência e passando para a pessoa. (FÁVERO apud ALBARRÁN, 2005, p.17).

Segundo Sasaki (2003b), o maior problema do uso dos termos incorretos reside no fato de os conceitos absoletos, as idéias equivocadas e as informações inexatas serem inadvertidamente reforçados e perpetuados.

Como pode-se observar, ainda é muito confusa e ultrapassada a escolha dos vocábulos mais adequados para serem utilizados em relação aos deficientes. Porém, existem outras palavras de aparente similaridade que precisam ser distinguidas.

2.3 Inclusão

Pode-se dizer que embora pareçam iguais, as diferenças entre os vocábulos integração/inclusão é enorme. Quando se procura analisar qualquer tema relacionado aos deficientes é fundamental a distinção entre os termos.

2.3.1 Diferença entre integração e inclusão

Em primeiro lugar, é importante compreender a diferença entre os vocábulos integração e inclusão. Na política de integração, reconhece-se que as dificuldades realmente existem, mas são os deficientes que devem adaptar-se a essa sociedade, sem intermédio de ninguém. Porém, falar de inclusão³, significa antes de qualquer coisa “deixar de excluir”. Parte do princípio que todos fazem parte de uma mesma sociedade e não de grupos distintos. Portanto, é dever da sociedade e do Estado oferecer plenas condições de adaptação aos deficientes. (FÁVERO apud ALBARRÁN, 2005, p. 18).

Sasaki (1999) caracteriza inclusão social como sendo um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. É um processo bilateral no qual pessoas ainda excluídas,

³ O ato de incluir pessoas portadoras de necessidades especiais na plena participação de todo o processo educacional, laboral, de lazer etc, bem como em atividades comunitárias e domésticas. (FERREIRA, 1999, p. 1093)

e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

2.3.2 Resistência

Infelizmente, ainda persiste no imaginário social uma representação social de que o deficiente é um ser humano inferior, incapaz e inválido. Frisch (2002) defende a abordagem que zele pelos princípios inclusivistas, que não considerem os “diferentes” seres humanos de segunda categoria.

Apesar das barreiras quase intransponíveis, os deficientes procuram interagir com a sociedade, em busca de respeito e reconhecimento de suas potencialidades. Porém, ainda são vistos como “anomalias”, gerando uma relativa aversão à convivência. Sensações como curiosidade, pena, angústia, revolta e até mesmo medo, tomam conta de quem os vêem, trazendo um certo desconforto para ambas partes.

Pode-se dizer que essa resistência vem regredindo consideravelmente, comparada décadas atrás, e isso deriva de programas sociais e movimentos de inclusão existentes no país e fora dele. (YNGAUNIS, 1999).

Para Bolonhini (2004), o preconceito sempre existiu e, infelizmente sempre existirá, cabendo ao deficiente desbravá-lo, buscando a sua perfeita integração.

Na busca de amenizar a discriminação e da luta pela inclusão social, o deficiente conta com a ajuda do governo, da sociedade e da mídia, considerando sua capacidade de poder mudar as imagens que ainda perdura dos deficientes.

3 MÍDIA: VILÃ OU ALIADA?

Esse capítulo apresentará a relação deficiente e mídia, como ela caracterizava os deficientes no decorrer da história até os dias atuais, além de justificar a escolha da televisão para desenvolvimento do trabalho.

3.1 Deficiente e mídia

Como foi falado anteriormente, os deficientes ainda são vítimas de preconceitos e exclusões na sociedade em pleno século XXI. E como a mídia se posiciona sobre o assunto?

Primeiramente será analisada a propaganda no processo de inclusão, considerando ser notável a ausência das pessoas com deficiências nos intervalos dos programas. Essa exclusão existe, pois os deficientes não são considerados um público relevante, podendo inclusive ser considerado incômodo aos olhos do público.

Porém, isso pode ser entendido como uma contradição, já que eles se alimentam, vestem roupas e usam sapatos, freqüentam shoppings, mercados, assistem televisão, escutam rádio e utilizam os bens de consumo disponíveis no mercado. Para Yngaunis (1999), é possível vender a idéia de que todos podem ser melhores dentro de suas limitações, e que os modelos padronizados pela sociedade apenas impedem cada um de descobrir o seu caminho de crescimento pessoal.

Enquanto nas propagandas é restrita a participação dos deficientes, para os programas sensacionalistas é um “prato cheio”. O discurso que eles tentam passar para o público é de um programa de cunho social especializado em oferecer ajuda. Mas o que realmente acontece? Talvez isso não seja feito da melhor forma possível. A imagem do deficiente é explorada, sendo caracterizada como coitadinho, despertando o sentimento de pena/revolta e aumentando ainda mais a discriminação diante da sociedade. Pode-se dizer que é uma permuta? Uma suposta ajuda, por um significativo aumento na audiência?

3.2 História

No final dos anos 1950 e início dos anos 1960, os meios de comunicação publicavam textos exatamente como solicitado pelas instituições especializadas na área das deficiências, sobre seus eventos internos e externos. (SASSAKI, 1999).

Porém, quando era de interesse da mídia publicar matérias sobre os deficientes, as terminologias e textos utilizados para tratar o portador de deficiência passavam uma imagem negativa para o leitor. O tema não era abordado de forma construtiva e educativa, de maneira que o deficiente era sinônimo de coitadinho, doente, abandonado, anormal etc. (SASSAKI, 1999).

Em 1979 surgiram movimentos liderados por pessoas deficientes que se sentiam prejudicadas por suas condições. A mídia estava sendo bombardeada como se tivesse total obrigação de conhecer profundamente as deficiências. (SASSAKI, 1999).

Nessa época, a televisão também se interessou pelo tema “deficiência”, e novamente era reforçado o preconceito através de imagens, estereótipos⁴, terminologias e estigmas sobre os deficientes. Aos poucos a revolta em relação à mídia foi amenizada, e a “vilã” passou a ser vista como importante aliada no processo de inclusão. (SASSAKI, 1999).

Em novembro de 1981, foi adotada e proclamada a Declaração de Sundberg, que estabeleceu:

Em vista da influencia da mídia sobre as atitudes do público e com vistas em aumentar o nível de consciência pública e solidariedade, os conteúdos das informações disseminadas pela mídia, assim como o treinamento dos profissionais da mídia, precisam incluir aspectos correspondentes aos interesses e necessidades das pessoas deficientes e ser preparados consultando suas associações. (Sundberg Declaration, artigo 10; apud SASSAKI, 1999, p. 155).

A Organização das Nações Unidas (ONU), preocupada com a situação dos deficientes, convocou uma reunião de peritos para elaboração de um documento destinado aos profissionais da mídia, na qual foi resultado de um grande impacto na comunidade internacional. (SASSAKI, 1999).

A mídia, a partir daí foi estimulada a desempenhar um significativo papel na formação de imagens positivas de pessoas portadoras de deficiências, verificando-

⁴ Estereótipo: Opinião preconcebida, difundida entre os elementos de uma coletividade; lugar comum; chavão. (Dicionário on-line)

se uma melhora no conteúdo das mensagens veiculadas, sendo reconhecida no mundo todo como peça importante no processo de integração (até recentemente não se conhecia o conceito de inclusão). (SASSAKI, 1999).

Segundo Werneck (1997), a mídia não é totalmente responsável pela discriminação, é apenas reflexo de uma sociedade pretenciosa e incapaz de perceber a deficiência como questão humana. Propõe que a mídia seja educada pela iniciativa de cada um, como proposto pela ONU, questionando:

Para educar a mídia é preciso lhe dar limites. Elogiá-la, quando acerta. Criticá-la apontando falhas. Não tem sido assim. Quem milita na área da deficiência no máximo desabafa sua ira contra a mídia entre os mesmo amigos. Daí não passa. Como os editores de jornal, revistas, noticiários de rádios e telejornais vão saber o quanto estão errando e acertando? (WERNECK, 1997, p. 232).

Sugere-se que há solidez em relação ao poder que a mídia exerce sobre a sociedade e vice-versa, visto que a mídia é moldada pelos comportamentos e interesses humanos, e esta sociedade é responsável pelo envolvimento e progresso dos meios de comunicação em informar o indivíduo de maneira ética, verdadeira e construtiva, contribuindo assim para inclusão e valorização dos deficientes.

3.3 Televisão

Diante das diversas mídias existentes, foi escolhida para análise deste trabalho, a televisão. Para destacar o motivo da escolha serão expostas algumas de suas características. A televisão, sob o ponto de vista da mídia, é o melhor meio publicitário do país, recebendo 62% do total dos investimentos feitos em veiculação. É o meio de maior cobertura simultânea, atingindo 86,9% dos mais de 42,6 milhões de lares brasileiros. Têm carisma entre as pessoas pela possibilidade do uso de mensagens com som, imagem, cores e movimento. Seu impacto é inquestionável, sendo o mais consumido pela população. (GODOY, 2005).

É fonte de entretenimento e lazer, plano de informação e prestação de serviço e educação, além de ser um veículo de massa, de grandes audiências, podendo inclusive ser segmentada.

Tendo em vista que a proposta do trabalho é explicitar o desrespeito que os programas sensacionalistas têm com os deficientes, e demonstrar como a sociedade reage diante deste tema, pode-se citar mais alguns motivos da escolha pela televisão. Os programas sensacionalistas são considerados programas populares,

assim como a televisão. Precisam ser atrativos para despertar a atenção do público e a televisão tem todas as ferramentas para isso, ou seja, som, movimento, cor e imagens. Além disso, o grande objetivo dos programas sensacionalistas é capturar audiência, mesmo sabendo que essa é a meta de todos os programas televisivos. Porém, a crítica baseia-se nos instrumentos utilizados pelos sensacionalistas para atingi-la.

Dessa maneira, serão analisados programas sensacionalistas de televisão, analisando a percepção dos telespectadores em relação à exposição da imagem dos deficientes.

4 MÉTODO

4.1 Amostra

Visando estabelecer se existe similaridade de percepção entre os diferentes grupos, foi definido para compor o presente estudo pessoas deficientes e não deficientes, levantando questões sobre o foco dessa monografia, os programas sensacionalistas.

Foram definidos quatro grupos para aplicação da entrevista: cegos (deficientes visuais); surdos (deficientes auditivos); deficientes físicos (deficientes com limitações motoras, amputações, mal-formação ou seqüelas de vários tipos) e pessoas não deficientes.

Reconhecendo o grau de dificuldade que os deficientes mentais e com deficiências múltiplas teriam de responder as questões expostas, além da falta de estudo para preparar perguntas adequadamente elaboradas, foi decidido não incluí-los na amostra.

Foi definida uma faixa etária de 30 a 50 anos para compor a amostra da pesquisa, visando maior seriedade e maturidade nas respostas obtidas na aplicação da entrevista proposta.

4.2 Instrumento

Para conhecer a relação dos programas sensacionalistas e os deficientes, analisando de que maneira ela é percebida, foi elaborada uma entrevista contendo sete quesitos: acerca da discriminação sofrida pelos deficientes, exploração de suas imagens, percepção das pessoas em relação à exposição excessiva, real interesse desses programas, e ao final, os entrevistados poderão opinar sobre a melhor forma de ajudar os deficientes através da mídia sensacional televisiva. (APÊNDICE).

4.3 Procedimento

A entrevista foi aplicada em dez pessoas, sendo cinco deficientes, e cinco sem deficiência. O acesso ao público-alvo foi feito através de indicações de conhecidos, contatos com o Centro Educacional de Audição e Linguagem e Posto da 109 sul.

As entrevistas serão analisadas separadamente em relação ao grupo definido, ou seja, primeiramente serão coletadas e discutidas as questões apresentadas pelas pessoas não deficientes, e posteriormente o mesmo será realizado com os deficientes.

Depois de coletadas as informações, será feito um levantamento em relação à aceitação ou rejeição provocadas pelos programas sensacionalistas de televisão, para que a percepção dos dois grupos possam ser comparadas e discutidas.

4.4 Análise

Visando obter, por procedimento sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens, será realizada uma análise de conteúdo, que é a expressão mais comumente usada para representar o tratamento dos dados de uma pesquisa de qualidade, visto tratar de questões de cunho emocional que necessitam serem mais aprofundadas. (BARDIN apud MINAYO, 2004, p. 199).

Por meio de perguntas subjetivas, o entrevistado poderá manifestar sentimentos em relação à exposição da imagem dos deficientes, nos programas sensacionalistas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas as entrevistas aplicadas nas pessoas sem deficiências, e após coleta dos dados, alguns pontos foram levantados e discutidos aqui. Posteriormente, o mesmo procedimento foi desenvolvido com as respostas cedidas pelos deficientes, para que possa se comparada a opinião referente aos grupos.

5.1 Análise das entrevistas com pessoas sem deficiência

Quadro 1: Termos utilizados pelas pessoas sem deficiência

	Termos	Nº de vezes
Categoria	Pessoas humildes	6
Deficientes	Discriminação	5
	Extraordinária	2
	Atração circense	2
	Vitrine	1
	Desumanamente	1
Programas	Falta de vergonha [oportunista]	1
	“Salvador da Pátria”	1
Interesses	Audiência	6
	Atrair	2
	Venda	1
Culpados	Sociedade	4
	Mídia	3
	Empresários	2
	Eu [dever social]	2
	Profissionais de comunicação	2
	Capitalismo	1
	Neoliberalismo	1
	Patrocinadores	1
Soluções	Oportunidade	4
	Educação	3
	Campanhas	1
	Dignidade	1

Esse quadro apresenta os termos usados pelos entrevistados na elaboração de suas respostas em relação ao tema proposto neste trabalho.

Pode-se afirmar que há uma similaridade nas respostas, uma vez que nenhum entrevistado se mostrou a favor da política adotada pelos programas sensacionalistas.

Observa-se que o vocábulo **audiência** foi bastante citado nas entrevistas, já que existe integral conformidade nas respostas coletadas, explicitando que o verdadeiro interesse desses programas não é amenizar a **discriminação**, e muito

menos trabalhar para inclusão social, eles estão preocupados com a audiência que poderão conseguir utilizando imagens dos deficientes. Outras palavras referentes aos interesses do sensacionalismo são: **atrair** a atenção do público e construir uma imagem de “**Salvador da Pátria**”, sugerindo que o importante é a **venda**, o lado comercial, e não o social.

Para despertar o interesse do público é preciso sentir o que ele deseja, e infelizmente é demonstrando atração por esse tipo de programa, que explora o que é aparentemente fora do normal, a fim de capturar audiência. (PORTÃO, 1971).

Como citado na literatura do trabalho, muitas vezes a ética torna-se algo coadjuvante em relação aos interesses individuais dos **profissionais de comunicação** e **empresários**, que esquecem de exercer certa responsabilidade social e respeito ao próximo. (DINES, 1971).

Outro ponto interessante na análise da pesquisa é o fato que 100% dos entrevistados rotularam os deficientes expostos nesse tipo de programa como sendo **peessoas humildes**, que levam consigo a esperança de adquirir algum benefício, como dinheiro, tratamento e até mesmo livrar-se de sua deficiência.

Segundo uma entrevistada, ocorre dessa maneira um benefício recíproco se for levado em consideração que os deficientes não estão preocupados em se expor, e sim ganhar algo em troca, pois geralmente são pessoas carentes. Por outro lado, o apresentador mantém suspense em relação aos fatos até o final para ascender à audiência e promover uma imagem de “**Salvador da Pátria**”, ganhando com isso parcerias junto às empresas, patrocinadores e entidades, também interessadas em **vender** seus produtos.

Ocorre um reforço positivo, já que quando um deficiente concorda em ser foco desse tipo de programa, e retorna para sua casa aparentemente satisfeito e recompensado de alguma maneira, seja financeira ou através de promessas de tratamento e/ou cura, outros portadores de necessidades especiais percebem uma **oportunidade** de ganhar determinada ajuda, passando por cima da humilhação, e servindo de **vitrine** para milhões de telespectadores que se sentem atraídos por tal exploração, outro ponto levantado na entrevista.

Percebe-se que a palavra **discriminação** foi uma das que mais apareceram na pesquisa, e segundo os entrevistados, a culpa disso ainda ocorrer é de todos. Alguns especificaram, citando o **governo**, os **profissionais de comunicação**, o **capitalismo**, o **neoliberalismo**, os **empresários**, e até mesmo “**Eu**”, ou seja, o

dever social. A **sociedade** não está preparada para inclusão social, o governo é relapso, a **mídia** é reflexo de uma sociedade egoísta, e como ficam os deficientes? Precisam procurar outros recursos, e um deles é a exposição em programas sensacionalistas, sendo apresentados como uma “**atração circense**”, expressão usada por duas entrevistadas, referindo-se a maneira de como são tratados.

E qual seria a solução para amenizar o problema? Para os entrevistados essa questão poderia ser solucionada com **campanhas** educacionais, tanto para os profissionais de comunicação, quanto para sociedade, visto que como mencionado na literatura desta pesquisa, existem limitações na formação destes profissionais, além da desinformação da sociedade em relação aos assuntos que abordam os deficientes, seus limites e potencialidades. Outra sugestão foi tratar os deficientes com mais **dignidade** e respeito, ressaltando seus sucessos, méritos e força de vontade, abstendo a idéia de que são incapazes e dependentes, ou seja, é preciso mudar a imagem que a maioria das pessoas tem em mente. Todavia, teve entrevistado que confessou não saber de que forma os programas sensacionalistas poderiam ajudar. Levantou a idéia de aboli-los, mas depois concluiu ser uma estratégia radical demais. Porém a solução deriva do pensamento de cada indivíduo em achar alternativas para amenização, ou até mesmo, extinção da discriminação, colocando em prática suas idéias positivas, promovendo um mundo mais justo e inclusivo.

Outro quesito pertinente a ser levantado é a diferença drástica nas respostas apresentadas em relação ao grau de escolaridade dos entrevistados. As pessoas com 2º e 3º grau completo, não demonstraram simpatia e/ou atração pelos programas sensacionalistas, enquanto os entrevistados com menor grau de escolaridade, manifestaram interesse por tal tipo de programa, além de citarem com freqüência a possibilidade dos deficientes conseguirem algum benefício expondo suas imagens. Infere-se que a maioria dos telespectadores desse tipo de programa são pessoas humildes e com menor grau de escolaridade, que porventura possam ser mais influenciadas, tanto financeira, quanto emocionalmente. Questiona-se mais uma vez a educação, que direta ou indiretamente, é a base de muitos dos problemas e soluções do mundo.

5.1 Análise das entrevistas com deficientes

Quadro 2: Termos utilizados por deficientes

	Termos	Nº de vezes
Categoria	Pessoas Humildes	1
Deficientes	Discriminação	5
	Humilhados	4
	Coitados	3
	Constrangidos	2
	Rótulos	2
	Exploração	2
	Preconceito	2
	Pena	2
	Fragilidade	1
	Vexame	1
	Ridicularizados	1
	Crime	1
	Denegrir	1
	Vítima	1
	Assistencialismo	1
Interesses	Audiência	5
	Mascara (discriminação)	3
Culpados	Empresas	2
	Sociedade	2
	Profissionais de comunicação	2
	Mídia	2
Soluções	Oportunidades	2
	Educação	2
	Políticas Públicas	2
	Informação	2
	Inclusão Social	2
	Capacidade	1
	Respeito	1

Em relação ao quadro demonstrado acima, percebe-se um grande número de vocábulos escolhidos pelos entrevistados para caracterizar a imagem dos deficientes explorada pelos programas sensacionalistas. Observa-se que apenas um entrevistado associou que as humildes são as maiores “**vítimas**” desse tipo de programa. Porém, todos os entrevistados demonstraram-se bastante indignados com a política adotada por esses programas, visando sempre sua promoção.

Todos os entrevistados concordaram que esses programas colaboram para aumento da discriminação, pois cria **rótulos** em relação ao deficiente, fazendo com ele viva sempre do **assistencialismo**. Outro ponto mencionado é o fato de que

quanto maior a desinformação, maior o preconceito. Essa frase faz coerência com a literatura do trabalho, uma vez mencionada que se a função da mídia é informar, instruir ou mudar a opinião pública, e o sensacionalismo deturpa os fatos sem informar a verdade, prosperando assim a discriminação, uma vez que exploram o lado negativo do deficiente, abstando suas capacidades e méritos. (BICUDO, 1971).

Foram vários os termos usados para expressar como os deficientes se sentem nos programas de cunho sensacionalista: **humilhados, coitados, constrangidos, rotulados, explorados, frágeis e vítimas**, notando-se uma degradação da imagem dos deficientes. Infere-se que esses programas contribuem para que persista no imaginário social uma representação de que o deficiente é um ser inferior, incapaz e inválido. (FRISCH, 2002). Para um entrevistado usar imagens de deficientes para um benefício próprio, seja promoção, dinheiro ou audiência, deveria ser considerado **crime**, e esta definição pode ser confirmada pelo projeto de lei 1.600 já apresentado nesta pesquisa.

As palavras **pena** e **vexame** apareceram nos discursos dos entrevistados para evidenciar o sentimento despertado nos telespectadores, e a ignomínia prestada pelos deficientes nos programas sensacionalistas, respectivamente. Confessaram constrangimento e repúdio por esses programas televisivos.

O vocábulo **audiência** foi o mais citado na pesquisa, sendo unânime a questão de que o maior interesse desses programas é aumentar o “ibope”, além de utilizar uma **máscara** para deslumbrar o telespectador. “O prêmio é só fachada”, frase usada por uma entrevistada referindo-se que os programas usam prêmios para disfarçar e iludir o público do seu verdadeiro objetivo, a audiência. Não se pode negar que o deficiente ganha algo tangível ao se apresentar nos programas, mas até que ponto será que vale a pena? O fato é que eles não estão muito preocupados com a imagem naquele momento, pois sua prioridade é suprir uma necessidade instantânea, e isso ele provavelmente conseguirá através de empresários em busca de divulgação e idolatria.

Foram intitulados culpados da discriminação contra os deficientes as **empresas**, a **sociedade**, os **profissionais de comunicação** e a **mídia**. As empresas têm receio de contratar pessoas com necessidades especiais, por persistir a idéia de incapacidade e invalidez. A sociedade não tem consciência de que somos todos iguais, além de ser desinformada. A mídia, os profissionais de comunicação e os programas sensacionalistas por produzirem personagens instantâneos para o

consumo rápido, além de usar imagens de deficientes, com abordagem negativa, para benefícios individuais e oportunistas.

Segundo Barbosa e Rabaça (2001), o sensacionalismo poderia ser algo realizado de forma positiva, focalizando de forma “sensacionalista” o que é de real importância para evolução da humanidade, ou seja, deveria ser destacado tudo o que possa beneficiar os deficientes, suas qualidades, força de vontade e capacidade de quebrar barreiras e se integrar na sociedade.

As soluções propostas pelos entrevistados deficientes foram: apresentar um sensacionalismo positivo, derrubar **máscaras** existentes, realizar um projeto de **inclusão social**, contratar deficientes profissionalmente, **conscientizar** os responsáveis pela exibição dos programas e a sociedade em **respeitá-los** e levar **informações** verdadeiras acerca das pessoas com necessidades especiais e obrigações das **políticas públicas**.

Segundo Sasaki (1999), quanto mais sistemas comuns da sociedade adotarem a inclusão, mais cedo se completará a construção de uma sociedade para todos – a sociedade inclusiva.

Para reforçar ainda mais as sugestões dos entrevistados será apresentado um pensamento de Romeu Sasaki que diz:

A inclusão social contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, grandes e pequenas, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também do próprio deficiente. (SASSAKI, 1999, p. 41).

Foram apresentadas algumas ações para amenizar a discriminação, o difícil será convencer os empresários, os profissionais de comunicação e a própria sociedade que o respeito e solidariedade são mais importantes que o egoísmo e a ambição inata e/ou construída e alimentada por cada pessoa.

Por falta de acesso, não foram abordados deficientes com graduação abaixo de 2º completo, inclusive a maioria dos entrevistados tinham graduações em dois cursos superiores, por isso não foi possível comparar as respostas no âmbito da escolaridade.

Todos os deficientes demonstraram imenso interesse pela temática do trabalho, sendo absolutamente receptivos, disponibilizando-se a esclarecer eventuais dúvidas sobre este grupo de pessoas.

5.3 Comparações entre os dois grupos

Primeiramente, será ressaltado o fato que todos os entrevistados, tanto os deficientes, quanto os não deficientes, depuseram-se contra a maneira como são explorados e humilhados as pessoas com alguma deficiência nos programas sensacionalistas, e principalmente por usar indivíduos carentes em busca de certos benefícios que podem ser promocionais, financeiros ou pela audiência.

Não houve variações nas opiniões dos grupos no quesito: principal interesse dos programas sensacionalistas. Foi unânime o fato de que a meta é a ascensão do ibope, e que a solidariedade supostamente oferecida, é apenas fachada e ferramenta para iludir o público.

Outro fato é a percepção dos grupos em relação ao perfil dos deficientes apresentados nesses programas. Enquanto todos os não deficientes os intitularam como sendo pessoas carentes, somente um deficiente as considerou dessa forma. Esse questionamento talvez se explique pelo fato de que todos os entrevistados não se encaixavam nesse perfil – carente -, e optaram por focar na questão da audiência e da discriminação. É relevante citar que a maioria respondeu com tom irônico que não se vêem nesse tipo de programa. Vale ressaltar que a amostra foi constituída por deficientes instruídos, com percepção muito mais ampla e apurada em relação às futuras conseqüências das exposições dos membros do grupo nos programas sensacionalistas.

Ao comparar os quadros, pode-se perceber um maior uso de termos específicos, como assistencialismo, políticas públicas e inclusão social, na coleta dos vocábulos apresentados pelos próprios deficientes. Sugere-se que isso ocorre pelo fato que estamos tratando com as “vítimas”, obtendo legítimas informações a respeito das soluções que deveriam ser adotadas para extinguir a discriminação.

Porém, no momento de apontarem culpados, foi percebido o dobro de vocábulos no quadro das pessoas sem deficiência. O que se pode concluir? Que os não deficientes preocupam-se em citarem culpados, enquanto os deficientes tentam achar soluções? Não se pode afirmar, mas é uma indagação a ser questionada.

De certa forma, as respostas foram parecidas, resumindo: os programas sensacionalistas não são solidários, e sim preocupados em capturar audiência. Os deficientes são humilhados, sendo transmitida uma imagem que degrada e aumenta

a discriminação em relação às pessoas com necessidades especiais. Muitos culpados foram apontados, e algumas soluções propostas. Não tem como saber se algum dia a sociedade será totalmente inclusiva, mas os deficientes estão tentando se integrar, demonstrando suas potencialidades e conquistas.

CONCLUSÃO

O Brasil ainda é um país muito atrasado no âmbito sociocultural em relação a assuntos muitas vezes considerados tabus, ou mesmo ignorados, pois a diferença parece ser a maneira mais fácil de tapar os olhos para a inclusão social.

Esse assunto incomoda a sociedade por não querer admitir a necessidade de mudanças. O ser humano é muito limitado, o que não deixa de ser uma deficiência, principalmente na área da cultura e educação. A desinformação e a falta da estrutura leva a sociedade a negligenciar atitudes como o rompimento de barreiras arquitetônicas, o cumprimento de leis que instruem o cidadão elucida fatos e desmistifica os portadores de necessidades especiais como incapazes.

A grande contribuição – acadêmica e gerencial - desse trabalho é mostrar para os futuros profissionais de comunicação e empresários, que os deficientes são capazes, possuem inúmeras habilidades e talentos. Isso pode ser percebido pelos próprios entrevistados, visto que todos são graduados e muito bem sucedidos, tanto no âmbito profissional, quanto pessoal.

Os programas sensacionalistas, para chocar e atrair a atenção do público, espelham um deficiente “coitado”, aumentando a discriminação e despertando pena nos telespectadores. Todavia, o pesar não enaltece em nada as pessoas com necessidades especiais, inferindo-se que esse tipo de programa retarda o processo de inclusão social.

O presente trabalho teve algumas limitações, por exemplo, a impossibilidade de entrevistar deficientes mentais e com deficiências múltiplas, visto a falta de preparo na elaboração de perguntas específicas para esses grupos. Outra restrição foi o fato de não terem sido questionados deficientes com menor grau de escolaridade, além da falta de treinamento para entrevistar surdos, que tiveram dificuldades de perceber a diferença das três primeiras perguntas da entrevista proposta. Pode-se dizer que a amostra foi limitada, visto que foram abordadas apenas 10 pessoas.

Entre as sugestões futuras estão a conscientização da sociedade em relação à realidade das pessoas com necessidades especiais, a realização de um projeto de inclusão social na mídia e a prática de um sensacionalismo positivo.

A sociedade deveria respeitar e se orgulhar dos méritos conquistados pelos deficientes, ressaltando apenas o lado positivo e uma imagem sumptuosa dessas pessoas que servem de exemplo para muita gente.

REFERÊNCIAS

ALBARRÁN, Patrícia. **Jogos Paraolímpicos de Atenas**: Um enfoque na cobertura da mídia on line. Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para conclusão de curso de comunicação social, habilitação em jornalismo, do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, nov. 2005.

ANGRIMANI, Danilo. **Um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos. **Dicionário de comunicação**: revista e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARRO, Benedito. **Comunicação das artes**: Moral e sensacionalismo. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA, 1971.

BICUDO, Virgínia. **Comunicação das artes**: Educação e sensacionalismo. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA, 1971.

BOLONHINI Junior, Roberto. **Portadores de necessidades especiais**: s principais prerrogativas dos portadores de necessidades especiais e a legislação brasileira. São Paulo: ARX, 2004.

BRASIL. Lei Nº 1.600, Art. 24, em 2003. Declara o deputado Orlando Fantazzini. Disponível em: <<http://www.eticanatv.org.br> > Acesso em: 22/02/2006.

DICIONÁRIO ON-LINE. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx> Acesso em: 10/04/2006.

DINES, Alberto. **Comunicação das artes**: avaliação técnica sobre o termo sensacionalismo. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA, 1971.

FÁVERO, Eugênia. **Direito das pessoas com deficiência**: garantia de igualdade na diversidade. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

FERREIRA, Aurélio. **Novo dicionário século XXI**: O dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRISCH, Felipe. **Mídia & Deficiente**. Disponível em:
<<http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp09012002993.htm>> Acesso em: 23 mar. 2006.

GODOY, Marcelo. Módulo mídia. Disponível em:
<<http://www.midiauniceub.kit.net>> Acesso em: 06/04/2006

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004.

PORTÃO, Ramão. **Comunicação das artes**: como se fazer notícias populares. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA, 1971.

SASSAKI, Romeu. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSAKI, Romeu. Como chamar as pessoas que têm deficiência?. In: **Vida independente**: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: [s.n.], 2003a, p. 12-16.

SASSAKI, Romeu. Terminologia sobre Deficiência na era da inclusão. In: VIVARTA, Veet. (Coord.) **Mídia e Deficiência**. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003b.

SILVA, Juremir. **A miséria do jornalismo brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VIVARTA, Veet (Coord.). **Mídia e Deficiência**. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

YNGAUNIS, Sueli. **A relação do adolescente portador de deficiência e/ou deformidade e os meios de comunicação**. Disponível em:
<<http://intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np13/NP13YNGAUNIS.pdf>> Acesso em: 22 fev. 2006.

APÊNDICE



UniCEUB
Centro Universitário de Brasília
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO: PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Prezada,

O presente questionário objetiva levantar informações sobre a exploração da imagem dos deficientes na televisão brasileira, fazendo parte do trabalho de conclusão de curso, para graduação em Publicidade e Propaganda no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Por gentileza, responda às perguntas, pois a coleta das informações fará parte de um trabalho de graduação, o qual visa a subsidiar novos estudos e trabalhos em prol da melhoria da definição do papel da mídia na sociedade.

Esclareço que as informações aqui coletadas são confidenciais e terão uso apenas no trabalho acadêmico.

Não há necessidade de se identificar. Caso queira ter acesso ao trabalho final mande um e-mail para: crisniemeyer@yahoo.com.br.

Desde já, agradeço pela atenção dispensada.

Atenciosamente,

Cristiana Lafetá Niemeyer

ENTREVISTA

Idade:

Sexo:

Tipo de deficiência:

Escolaridade:

Programas sensacionalistas: São programas com atitudes chocantes, capazes de escandalizar e emocionar o público.

Exemplos de programas sensacionalistas: Ratinho, Domingo legal, Programa do João Kleber, Sônia e você.

- 1) Como você se vê nesses programas? (Responder caso você tenha algum tipo de deficiência).
- 2) Como você percebe os deficientes nesse tipo de programa?
- 3) Como você percebe que estes programas transmitem a imagem dos deficientes?
- 4) Como você define o verdadeiro interesse dos programas sensacionalistas em transmitir a imagem dos deficientes (da maneira que é feito)? Você acha que é apenas questão de solidariedade?
- 5) Você acha que esse tipo de programa aumenta ou ameniza a discriminação existente no Brasil. Por quê?
- 6) Você atribui a culpa desta discriminação a quem (profissionais de comunicação, empresários, sociedade)? Por quê?
- 7) Como esses programas poderiam ajudar na amenização da discriminação?

ANEXO

Uma história muito especial

Há alguns anos, nas Olimpíadas Especiais em Seattle (EUA), nove participantes, todos com deficiência mental e física, alinharam-se para largada da corrida dos 100 metros rasos.

Ao sinal, todos partiram, não exatamente em disparada, mas com vontade de dar o melhor de si, terminar a corrida e ganhar. Todos, com exceção de um garoto, que tropeçou no asfalto, caiu rolando e começou a chorar.

Os outros oito ouviram o choro. Diminuíram o passo e olharam para trás. Então eles viraram e voltaram. Todos eles. Uma das meninas, com síndrome de Down, ajoelhou, deu um beijo no garoto e disse: “Pronto, agora vai sarar”. E todos os nove competidores deram os braços e andaram juntos até a linha de chegada. O estádio inteiro levantou e os aplausos duraram muitos minutos. E as pessoas que estavam ali, naquele dia, continuam repetindo essa história até hoje.

Por quê? Porque, lá no fundo, nós sabemos que o que importa nesta vida é mais do que ganhar sozinho. O que importa nesta vida é ajudar os outros a vencer, mesmo que isso signifique diminuir o passo e mudar de curso.

Surpreendente? Nem tanto, se você convive com pessoas assim especiais (dessas que Deus deixou em nossas mãos porque Ele confia em nós), sabe disso. Mas que é maravilhoso...

Anônimo